



**Universidade do Minho**

Escola de Psicologia

Rosa Maria Antunes Gonçalves

**História de vida de mulheres socialmente  
excluídas e multiplamente vitimadas**

Junho 2013





**Universidade do Minho**

Escola de Psicologia

Rosa Maria Antunes Gonçalves

## **História de vida de mulheres socialmente excluídas e multiplamente vitimadas**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em Psicologia  
Área de Especialização de Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da

**Professora Doutora Marlene Alexandra Veloso Matos**

Junho 2013

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Índice

Introdução	6
Objetivos	7
Método	8
Participantes	8
Instrumentos	9
Procedimentos	9
Metodologia de Análise	10
Resultados	11
Discussão	19
Referências	23
Anexos	27

## **Agradecimentos**

A presente dissertação não resulta apenas de um esforço individual, mas também do contributo e apoio de um número considerável de pessoas.

Em primeiro lugar, agradeço a professora Doutora Marlene Matos, orientadora científica, pelo rigor, exigência e sentido crítico que permitiu a construção e o crescimento deste trabalho. Agradeço ainda pelo seu otimismo e incentivo ao longo de todo o percurso.

À Doutora Ana Rita Conde Dias, pelo seu apoio, disponibilidade, recomendações e reflexões que enriqueceram o presente trabalho.

Agradeço ainda às investigadoras que integram este projeto pela partilha de ideias e pela realização das entrevistas para a recolha de dados.

Às instituições que colaboraram na recolha dos dados, bem como um agradecimento especial às participantes que partilharam os seus percursos de vida, permitindo a concretização deste trabalho.

À minha companheira de curso, Cristiana Fernandes, pela amizade, partilha de angústias e de frustrações e pelas palavras de incentivo que me permitiram ultrapassar os momentos particularmente difíceis.

E por último, um especial agradecimento aos meus pais e à minha família pela oportunidade de crescimento e crença no meu potencial, bem como ao meu namorado pela confiança, apoio e estímulo constantes.

ESTA DISSERTAÇÃO FOI CONDUZIDA NO ÂMBITO DO PROJETO de  
INVESTIGAÇÃO “VITIMAÇÃO MÚLTIPLA DE MULHERES SOCIALMENTE EXCLUÍDAS:  
INTERSEÇÃO DE SIGNIFICADOS E TRAJÉTORIAS DE MUDANÇA”  
(PTDC/PSI-APL/113885/2009).  
FINANCIADA PELA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA

## **Histórias de vida de mulheres socialmente excluídas e multiplamente vitimadas**

### **Resumo**

Este estudo teve como objetivo explorar a história de vida de mulheres socialmente desfavorecidas que sofreram vitimação múltipla. Procurou-se identificar as suas principais vivências, os acontecimentos mais marcantes e os temas centrais na sua história de vida, bem como compreender a forma como significam as suas experiências e como se projetam no futuro. O estudo inclui 12 participantes que sofreram vitimação múltipla e que se encontravam em situação de exclusão social. Realizaram-se entrevistas individuais sobre a história da sua vida, adaptada do guião da Entrevista de McAdams. Utilizou-se o método qualitativo da Análise Temática. Como principais resultados salienta-se a centralização das suas histórias de vida na violência sofrida na idade adulta, mais especificamente, na intimidade. Além disso, constatou-se que algumas características sociodemográficas, nomeadamente, ser de raça negra, possuir um baixo nível socioeconómico e estar desempregada, aumentam a vulnerabilidade para a vitimação cumulativa. Verificou-se ainda que, apesar das experiências de vitimação múltipla, algumas mulheres revelaram discursos de resistência, acreditando na sua capacidade de superação das diversas adversidades, remetendo para o conceito “crescimento pós-vitimação”, conceptualizando mudanças positivas subsequentes às experiências de vitimação.

**Palavras-chave:** vitimação múltipla; mulheres; exclusão; interseccionalidade; significação.

## **Life stories of multiple victimized and social excluded women**

### **Abstract**

This study aimed to explore the life stories of socially disadvantaged women who experienced multiple victimization. We tried to identify their main experiences, the most outstanding events and the central themes in their life stories, as well as understand the way they mean their experiences and project their future. The study includes 12 participants who suffered multiple victimization and who were in a situation of social exclusion. Individual interviews were conducted about their life stories, adapted from the McAdams interview. We used the qualitative method of thematic analysis. The main results highlight the centralization of their life stories in the violence suffered in adulthood, more specifically, in intimacy. Furthermore, it was found that socio-demographic characteristics, namely being black, having low socioeconomic status and being unemployed, increase vulnerability to cumulative victimization. It was also found that, despite the multiple victimization experiences, some women revealed discourses of resistance, believing in their ability to overcome adversities. This refers to the concept of "post-victimization growth", in which they conceptualize positive changes arising from the victimization experiences.

**Key words:** multiple victimization; women; exclusion; intersectionality; meanings.

## **Histórias de vida de mulheres socialmente excluídas e múltiplamente vitimadas**

Os estudos sobre a vitimação têm demonstrado que a exposição a múltiplas formas de violência não é um fenômeno raro e que a experiência de vitimação na infância constitui um fator de risco para vitimações subsequentes, podendo transformar-se num padrão de vitimação múltipla (Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007).

A vitimação múltipla tem sido definida como a experiência de dois ou mais tipos diferentes de vitimação num determinado período (Olsvik, 2010). Adicionalmente, na literatura surgem outros conceitos associados a este fenômeno, designadamente, o conceito de vitimação repetida e o de polivitimação, mas que são distintos. O termo vitimação repetida refere-se a episódios recorrentes do mesmo tipo de violência, enquanto polivitimação foi definido por Finkelhor, Ormrod e Turner (2007) como a experiência de pelo menos quatro tipos diferentes de vitimação.

Apesar de ser relativamente comum (Clemmons, Walsh, DiLillo, & Messman-Monroe, 2007; Sabina & Straus, 2008), poucas investigações têm analisado a exposição cumulativa à violência na comunidade, na família e nas relações íntimas, centrando-se, sobretudo, nas experiências de violência na infância e na adolescência e no seu impacto (Kennedy, 2008; Widom, Czaja & Dutton, 2008). Além disso, a maioria dos estudos sobre a violência contra as mulheres tem-se centrado na violência doméstica e na violência sexual (Littleton, Axsom & Grills-Taquechel, 2009; Schewe, Riger, Howard, Staggs & Mason, 2006). Os estudos têm ainda revelado que a exposição a múltiplas formas de violência tem um impacto negativo, sendo bastante comum a presença de sintomas traumáticos e depressivos (Clemmons et al., 2007; Finkelhor, Ormrod & Turner, 2009).

Adicionalmente, existem investigações (Olsvik, 2010; West, 2004) que enfatizam o conceito da interseccionalidade (Crenshaw, 1991) como sendo útil para a compreensão da maior vulnerabilidade para a vitimação cumulativa por parte de grupos sociais minoritários. Assim, os estudos têm apontado algumas características sociodemográficas que podem potenciar o risco de vitimação múltipla, designadamente, o nível socioeconómico, a etnia, a imigração e o estado civil (Linares, 2004). Deste modo, a literatura tem revelado que as mulheres pobres e residentes em bairros sociais, na presença de determinados fatores de risco (e.g., experiência de abuso na infância), são particularmente vulneráveis à violência e são as que mais sofrem vitimação múltipla (e.g., Wenzel, Tucker, Elliot, Marshall & Williamson,

2004). Por outro lado, a coesão social tem sido apontada como um fator protetor face às consequências da vitimação múltipla, sendo que a fraca coesão social pode potencializar a vitimação (Linares, 2004). Assim, torna-se particularmente importante estudar este fenómeno associado à condição de exclusão social.

Além disso, a literatura tem alertado para a necessidade de estudar a vitimação múltipla a partir de uma perspectiva sociocultural, uma vez que o significado e as percepções atribuídas às experiências de vida são cruciais para a sua compreensão e para o desenvolvimento do indivíduo (Bronfenbrenner, 1979). Nesse sentido, os estudos narrativos e feministas têm explorado a influência das crenças, dos valores e da cultura junto das mulheres vítimas de violência (e.g., Enander, 2010; Hydén, 2005; Prins, 2006). No entanto, estes estudos têm-se focado, essencialmente, na violência doméstica e na violação, sendo escassos os estudos que exploram a vivência e o significado da vitimação múltipla ao longo da vida (e.g., Skjelsbaek, 2002-03). Neste sentido, o presente estudo assume particular relevância, pretendendo analisar o significado que as mulheres atribuem a este fenómeno, ao seu impacto e à forma como este é integrado na sua história de vida.

Em suma, a partir da revisão da literatura, podemos constatar que existem algumas lacunas, nomeadamente: como é que a vitimação múltipla é experienciada e significada em função do percurso e das condições de vida das vítimas? Os estudos tendem, também, a centrar-se na vitimação interpessoal e negligenciam outras formas de vitimação coletiva e estrutural, bem como não consideram a sua componente “experencial” nem analisam a forma como as vítimas se projetam no futuro.

## **Objetivos**

Este estudo pretende explorar a trajetória de vida destas mulheres, identificar os temas centrais na sua história de vida, compreender o significado atribuído às experiências de vitimação e analisar a forma como influem (ou não) no modo como se percebem a si próprias e se projetam no futuro. Pretende-se ainda explorar se, no seu relato, a condição de vulnerabilidade/exclusão social criou constrangimentos ao seu percurso de vida e/ou à forma como se projetam no futuro. Mais detalhadamente, orientamos a análise pelas seguintes questões:

- Quais são os temas centrais que surgem na sua história de vida? Como são significados esses temas?

- A vitimação é um tema recorrente na sua história de vida? Se sim, que tipos de violência são relatados? A vitimação múltipla está presente no seu discurso? De que forma? Como a significam (individualmente ou percebem a cumulação de várias formas de violência)?
- Como se projetam estas mulheres no futuro?
- Há um discurso central e/ou único ou múltiplos discursos sua história de vida? É possível identificar apenas um discurso, o da vitimação? Ou haverá outros discursos alternativos (e.g., de “resistência”)?

## **Método**

### *Participantes*

O estudo incluiu 12 participantes selecionadas de acordo com os seguintes critérios de inclusão: a) experiência de vitimação múltipla; b) a experiência atual ou no último ano de violência interpessoal (doméstica e/ou sexual); c) condição de dependência institucional ou exclusão social; d) ausência de intervenção psicoterapêutica (não inclui a intervenção em crise) e e) apresentar competências mínimas de leitura e escrita de modo a compreender e relatar situações, problemas e acontecimentos. Por outro lado, seriam excluídas as que apresentavam abuso de substâncias, ideação suicida e perturbação psiquiátrica diagnosticada. Participaram neste estudo mulheres com idades compreendidas entre os 24 e os 51 anos, com uma média de 36.77 ( $DP = 6.83$ ). Quanto à nacionalidade, oito eram portuguesas, duas eram de nacionalidade brasileira, uma possuía dupla nacionalidade e uma era de nacionalidade angolana. No que se refere à raça e ao meio de proveniência, sete eram de raça caucasiana e cinco de raça negra, sendo que nove participantes eram provenientes do meio urbano e três do meio rural.

Quanto à escolaridade, quatro participantes estudaram até ao terceiro ciclo, três possuíam o ensino secundário, três tinham licenciatura, duas concluíram o segundo ciclo e uma participante possuía o primeiro ciclo. Em relação à situação laboral, oito participantes encontravam-se em situação de desemprego, três apresentavam um trabalho temporário e uma possuía um trabalho estável. Ao nível do estado civil, cinco participantes eram solteiras, cinco eram separadas/divorciadas e duas eram casadas/união de facto. Em relação ao número de filhos, todas as participantes tinham filhos, variando o número entre 1 e 3 ( $M = 2$ ,  $DP = .74$ ). Por último, metade das participantes encontrava-se institucionalizada em casa abrigo.

### *Instrumentos*

Utilizou-se a *Entrevista sobre a História de Vida* (Matos & Dias, 2012) para recolher a história de vida das participantes, adaptada do guião da entrevista de McAdams (2008). Este instrumento foi aplicado individualmente, pedindo-se a cada participante que identificasse e contasse a história da sua vida, abrangendo todos os tópicos do guião (resumo das principais fases da vida, acontecimentos marcantes, desafios, planos para o futuro, valores e crenças pessoais). Apesar desta estrutura prévia, as entrevistas foram conduzidas de modo a permitir que o discurso fluísse de acordo com o interesse das participantes, sendo contudo abordados todos os tópicos do guião.

### *Procedimentos*

Para aceder às participantes recorreu-se às instituições de apoio à vítima, contactadas por correio eletrónico, que responderam afirmativamente. As entrevistas foram realizadas nas instalações dessas instituições e algumas no Serviço de Psicologia da Escola de Psicologia da Universidade do Minho, tendo sido conduzidas por investigadoras experientes na intervenção com vítimas adultas e previamente treinadas no instrumento, variando o tempo de duração das entrevistas entre os 45 e os 180 minutos. Foi obtido o consentimento informado e, devido à possibilidade de se abordar experiências potencialmente perturbadoras, as participantes foram advertidas para as potenciais consequências suscitadas da entrevista, tendo sido prestado o apoio posterior sempre que necessário. As entrevistas, conduzidas entre Março de 2012 e Janeiro de 2013, foram gravadas e transcritas na íntegra de modo a ser preservada a integridade dos relatos com vista à sua análise.

Ao longo do processo da recolha de dados utilizou-se a amostragem teórica, seguindo o método comparativo constante (Gordon-Finlayson, 2010) - procedimentos associados à colocação sistemática de questões e à análise indutiva. Assim, apesar da definição *apriori* inicial, a recolha de dados foi orientada pelos temas, ideias e conceitos emergentes relevantes para o estudo, que foram comparados, introduzindo-se novos casos de comparação até ter sido atingida a saturação teórica (Flick, 2002; Gordon-Finlayson, 2010). Os casos de comparação foram selecionados em função da sua relevância teórica para o fenómeno em estudo, tais como a etnia e o fator institucionalização. A decisão de terminar a recolha de dados foi, então, determinada pela saturação teórica, ou seja, quando a introdução de novos casos não originou novas ideias, conceitos ou noções sobre o fenómeno (Flick, 2002). Neste sentido, há um

processo cíclico e sistemático de recolha, codificação e análise de dados, no qual determinamos, estrategicamente, quais os dados a recolher.

### *Metodologia de Análise*

Utilizou-se a metodologia de análise temática que nos permitiu, a partir de uma perspectiva construcionista, compreender como os fenómenos, a sua significação e a forma como são experienciados são socialmente construídos e reproduzidos (Braun & Clarke, 2006). A análise temática foi seguida tal como indicada por Braun e Clarke (2006), adotando-se o procedimento de codificação indutiva em que os temas identificados estão fortemente ligados aos dados, não se procurando ajustar a um quadro de codificação pré-existente - data-driven. Recorremos *ao software Nvivo 8.0* para o processo de organização, codificação e interpretação dos dados.

A codificação foi o mais inclusiva possível, para evitar ocultar qualquer extrato potencialmente importante no tema. Os temas não são mutuamente exclusivos, podendo codificar-se o mesmo excerto de texto em vários temas, sendo que procedemos às seguintes etapas:

- a) Em primeiro, teve lugar a fase de familiarização com os dados, na qual realizámos (re)leituras dos dados, tendo sido anotadas ideias relevantes.
- b) Numa segunda etapa, construímos os códigos iniciais (elementos dos dados considerados relevantes), organizando os dados em grupos significativos.
- c) Concluída esta fase, realizámos à análise dos diferentes códigos e estabelecemos a relação entre os mesmos, combinando-os para formar temas principais e subtemas, obtendo-se um mapa de temas (cf. anexo).
- d) Numa quarta etapa, procedeu-se à revisão de todos os dados codificados, fazendo leituras sistemáticas dos excertos de texto recolhidos para cada tema, analisando se os temas formavam um padrão coerente.
- e) Por último, redefinimos os temas iniciais, gerando definições claras e nomes para cada tema/subtema, sendo essas designações concisas de modo a proporcionar sentido ao que abordam.

A validação dos resultados constituiu uma outra etapa, no sentido de se assegurar a confiança e credibilidade dos nossos resultados, destacando-se, em particular, o recurso a um co-codificador na análise do material recolhido. Assim, dada a extensão das participantes analisadas (um total de 12), seleccionámos 20% das participantes (3) que foram retiradas

aleatoriamente para ser co-codificadas. Seguidamente, procedeu-se ao cálculo do índice de validade conforme a fórmula apresentada por Vala (1986)  $F = 2 (C1, 2) / C1 + C2$ , dividindo o número de acordos entre codificadores pelo total de categorizações efetuadas por cada um  $2 (140) / 160 + 190 = 0.8$ . Assim, obtivemos um índice de fidelidade de 0.8, considerando uma força de acordo substancial.

## Resultados

Para facilitar a leitura, apresentamos seguidamente os resultados de acordo com as questões já referidas e que orientaram a análise. Importa referir que apenas estão descritos os temas e subtemas que foram referenciados por mais do que uma participante.

- (i) Quais são os temas centrais que surgem na sua história de vida? Como são significados esses temas?

Ao longo do discurso das participantes emergiram os seguintes temas principais: a **vitimação**, a **maternidade**, as **condições estruturais desfavoráveis**, o **trabalho e a formação escolar**. Seguidamente, procedemos à descrição detalhada de cada um dos temas, por ordem decrescente, isto é, do tema mais abordado para o tema menos recorrente nas histórias de vida.

**Tabela 2**

*Principais Temas Relatados pelas Participantes*

Temas	Número de Participantes	Referências
Vitimação	12	184
Maternidade	11	51
Cond. estruturais desfavoráveis	11	48
Trabalho e formação escolar	7	25

### *Vitimação*

Todas as participantes descreveram episódios de vitimação sofridos na infância e adolescência e na idade adulta. No que concerne à infância e adolescência, 10 das 12 participantes relataram situações de maus tratos parentais, designadamente negligência

(7<sup>1</sup>;13<sup>2</sup>), maus tratos físicos (5;10) e psicológicos (2;5) e exposição a violência interparental (4;8).

Em relação à violência na idade adulta (12;146), foram relatadas várias formas: vitimação na intimidade, vitimação institucional, vitimação laboral, vitimação familiar e discriminação social. A vitimação na intimidade (12;104) constituiu o tipo de violência predominante no discurso das participantes, relatando violência física (11;46), psicológica (9;38), isolamento social (3;4), controle económico (2;6) e violência sexual (2;2).

A vitimação institucional (5;23) surgiu em todas as participantes de raça negra, não tendo sido descrita pelas mulheres caucasianas. Esta forma de violência incluía a descredibilização e a negligência (5;6). Essas participantes abordaram situações em que não foram assegurados os seus direitos ou se sentiram descredibilizadas enquanto vítimas (e.g., serviços de saúde e polícia) (“*daquela minha queixa... esse camarada dele que me atendeu, escreveu no papel que eu me recusei a responder às questões, que usei o meu direito de silêncio, a minha queixa foi arquivada, eu perdi o estatuto de vítima de violência doméstica*”). Além disso, foram descritos episódios de estigmatização (2;11): “*o facto de eu mudar de cor de unhas todas as semanas é como se andasse à procura de algum homem para lhe tirar o dinheiro. É do tipo como olham as brasileiras.*” Por último, surgiram situações de repressão e controlo (2;6), em que as participantes relataram o excessivo controlo da casa abrigo a vários níveis, desde a conta bancária, aos horários (“*Estou privada da minha privacidade, nem no meu próprio quarto tenho privacidade, a minha conta bancária não tem privacidade porque se eu gasto um único cêntimo tenho de dizer onde o gastei*”).

A vitimação laboral (4;6) constituiu um outro tipo de vitimação relatado por algumas participantes (“*...e fui para a lavandaria e aquilo era muito duro, não tínhamos horas para comer e depois era os maus tratos à frente dos clientes*”).

Relativamente à vitimação familiar (2;11), foram relatados episódios de violência física e psicológica perpetrada por familiares (“*porque ele há dois anos atrás atirou-me com umas coisas, que era muito nervoso, o meu pai atirou-me com umas canecas e umas jarras...*”).

Por último, na discriminação social (2;2) surgiram relatos sobre o preconceito relativo à profissão (“*Exato, a tua mãe é puta, é isto, o teu pai é um chulo e tem um bar de putas. Ao mínimo passo que eu dou o rótulo está na testa*”) e à condição de “mulher separada” (“*...às*

---

<sup>1</sup> O primeiro número que surge entre parênteses diz respeito ao número de participantes que integraram o tema.

<sup>2</sup> O segundo número que surge entre parênteses diz respeito ao número de referências que integraram o tema.

vezes a gente afasta-se dessas pessoas que falam e refugia-se em casa para não ter que ouvir essas coisas, ainda estamos naquela época em que criticam as mulheres separadas”).

### *Maternidade*

Ao longo do discurso das participantes a maternidade foi descrita como fonte de realização pessoal (6;13) (“*sempre adorei crianças, o meu desejo de ser mãe desde miúda era muito grande eu disse: finalmente tenho o meu bebé!*”), constituindo os filhos uma prioridade (7;18) na vida destas mulheres (“*As minhas filhas, sem dúvida, sem dúvida, nem que eu tenha de morrer por elas, nunca vou abdicar*”).

No entanto, as participantes descreveram as dificuldades (6;12) relacionadas com o papel de mãe e com a capacidade de proporcionar condições básicas de bem-estar dos filhos. Algumas participantes relataram situações de impossibilidade de estar com os seus filhos devido à inexistência de condições económicas para os acolher, após a rutura da relação abusiva (“*fazia muita impressão eu não ter que lhe dar de comida à menina...buscar a menina à creche e dar-lhe água com bolachas, água quente com bolachas, não... Então chamei o pai.*”).

A gravidez não planeada (5;8) foi ainda realçada por algumas participantes, sendo que algumas referiram a não aceitação por parte dos seus próprios progenitores (“*o meu pai não aceitou a minha gravidez... não queria que eu tivesse aquele filho*”).

### *Condições estruturais desfavoráveis*

As **condições estruturais desfavoráveis** foram referidas frequentemente ao longo do relato das participantes, refletindo determinadas circunstâncias presentes nas suas vidas que as colocaram numa situação de vulnerabilidade económica e social. Assim, identificaram-se dificuldades económicas, o desemprego, a instabilidade ou precariedade laboral e os obstáculos ao nível da educação.

Quanto às dificuldades económicas (10;22), estas foram referenciadas pela maioria das participantes (“*porque apesar de eu ter a renda e tudo em dia, a água e a luz eu tenho uma dívida, uma dívida para com a EDP e com as águas*”), bem como a situação atual de desemprego (6;8) e a precariedade ou instabilidade laboral (5;8) (“*estou a recibos verde, ganho à comissão, não tenho um dia para receber, não tenho um ordenado certo a receber*”). Além disso, as participantes relataram ao longo do seu percurso de vida obstáculos ao nível da educação (4;10), decorrentes da situação económica desfavorável das famílias de origem. Por esse motivo tiveram que abandonar os estudos e entrar no mundo do trabalho

prematuramente. Importa salientar que, ao longo do discurso, algumas mulheres revelaram sentimentos de frustração e tristeza associados quer à condição de desemprego, quer à interrupção da escolaridade (*“Tinha nascido a minha irmã, eram muitas despesas e era só meu pai a trabalhar e eu entendi isso, mas custou-me muito e custa-me muito ultrapassar isto, senti-me frustrada, muito mal, chorei muito”*).

#### *Trabalho e Formação escolar*

Apesar de menos prevalente (7;25), **o trabalho e a formação escolar** foi uma área temática abordada pelas participantes. Algumas participantes indicaram oportunidades de trabalho que lhes permitiram atingir autonomia e independência, associando-lhes sentimentos de realização pessoal (7;16) (*“Senti-me muito gloriosa pelo facto de ter aberto uma coisa minha e logo nos primeiros meses aquilo ter sido e continua a ser, fiquei muito orgulhosa”*). Algumas mulheres descreveram, ainda, sentimentos de orgulho associados ao término dos estudos (4;9), sendo que algumas continuaram a estudar mesmo após o nascimento dos seus filhos (*“Senti orgulho de mim própria. Que eu sempre fui estudiosa e empenhada, sempre quis ter um objetivo e realizar-me profissionalmente”*).

- (ii) A vitimação é um tema recorrente na sua história de vida? Se sim, que tipos de violência são relatados? A vitimação múltipla está presente no seu discurso? ? De que forma? Como a significam?

A **vitimação** constituiu o tema predominante no discurso das participantes (12; 184), sendo que, tal como supracitado, todas as mulheres relataram experiências de violência nos seus percursos de vida. A violência na idade adulta foi o tipo de vitimação mais referenciado, destacando-se a violência na intimidade e, nesse âmbito, a violência física. Além disso, é perceptível que estas participantes experienciaram vitimação múltipla na idade adulta, coocorrendo experiências de vitimação na intimidade, vitimação institucional, discriminação social e vitimação familiar.

Ao longo do seu relato, constatou-se que as participantes procuraram dar sentido à violência (**significação da violência**). Nesse contexto, descreveram **atribuições causais** (6;16) que justificavam a violência, nomeadamente características do agressor (3;6) (e.g., consumos de substâncias, psicopatologia e a violência na família de origem) e caraterísticas contextuais (3;5) (e.g., desemprego, pobreza, morte de familiares). Por último, algumas

participantes manifestaram atribuições causais internas, designadamente a autoculpabilização (2;4) (“...eu tinha isso na consciência, que eu era culpada da história da violência.”).

Ainda no tema significação da violência surgiram os **motivos de permanência na relação abusiva** (8;16), sendo os mais relatados a expectativa de mudança do agressor (3;6) (“e eu com a minha inocência... ele é capaz de mudar”) e o medo de perder os filhos (3;3) (“Porque eu tinha medo, porque as pessoas de fora diziam que se eu saísse de casa perdia os meus filhos.”). Algumas participantes relataram, ainda, a dependência económica (2;2) (“por questões financeiras eu neste momento não tenho como sair daqui”...) e o amor (2;2) (“eu no fundo também sentia algo por ele e também me custava muito deixá-lo”).

O **impacto** (9;20) foi também referenciado pela maioria das participantes quando abordaram a vitimação, referindo-se aos efeitos das experiências abusivas, relatando o impacto psicológico, familiar e social. Ao nível do **impacto psicológico** (9;14), destacou-se os sintomas depressivos (6;9), designadamente a ideação suicida (3;3) (“tinha-me atirado da primeira ponte que me tivesse aparecido à frente, vontade não me faltou, ainda hoje tenho momentos que penso: apetece-me acabar”), sentimentos de tristeza (3;3) (“Sentia-me muito triste, chorava muito escondida”) e perda da autoestima (2;2) (“perdi a minha autoestima, perdi a minha força...aquele sentimento psicológico sou tão poderosa desapareceu”).

Relativamente ao **impacto familiar e social** (5;6), algumas mulheres relataram efeitos nos seus filhos, ao nível comportamental e escolar, e o isolamento social. No que respeita ao impacto nos filhos (4;4), as participantes percecionaram estes efeitos como decorrentes da exposição à violência interparental (“o meu Y é muito agitado, mas ele nunca teve uma vida normal, era muita turbulência, ele só tinha 3 anos e depois ele saiu de casa foi para a casa abrigo e ele está a ficar muito agressivo, ele dá xutos...”). Em relação ao isolamento social (2;2), as participantes relataram perdas e afastamento de familiares e amigos (“perdi os amigos todos, a família toda, perdi tudo, distanciei de toda a gente, todos, porque cada pessoa que eu falasse era a vítima, então eu tinha que fazer de conta por cada pessoa que eu passasse que eu não conhecia...”).

Outro tema que foi referenciado associado à vitimação foram as **estratégias de coping e os recursos** utilizados para lidar com os episódios abusivos. Assim, foram identificadas as estratégias comportamentais, as cognitivas, a espiritualidade e, ainda, as mudanças de estratégia.

No que concerne às estratégias comportamentais (12;92), as participantes referiram pedidos de ajuda (11;29) a familiares, amigos e a instituições de apoio social. O confronto (8;16) constituiu uma outra estratégia, na qual as participantes perante situações e atitudes

específicas questionavam e confrontavam os agressores (*“Eu cheguei ao carro e disse a ele: que aquilo era indecente o que ele estava a fazer, porque não me estava a prejudicar a mim, mas sim a ela”*). A saída do contexto abusivo (8;20) foi relatada como uma estratégia para cessar com a violência, sendo que algumas mulheres revelaram ambiguidades face à tomada de decisão, evidenciando momentos em que sentiram desejo de regressar para à relação (*“depois, houve momentos em que me apeteceu desistir, mas eu depois dizia: não, eu não vou recuar.”*). Além disso, algumas participantes mencionaram a submissão (5;16), associada ao silenciamento, ocultando a situação abusiva e optando por suportar sozinhas a violência (*“...depois com aquela manipulação toda...aquelas humilhações todas e fui aguentando aquilo...mas não queria que as pessoas se apercebessem”*). A “segunda oportunidade” (3;4) dada aos agressores, ou seja, a convicção na mudança do seu comportamento, também constituiu uma das estratégias relatadas (*“porque quando eu fui de novo eu estava com a intenção de muda-lo”*). Associada a esta estratégia, surgiu a tentativa de mudança do agressor (2;2), descrevendo tentativas de convencer o agressor a aderir a tratamentos médicos especializados (*“Eu tentava ver se ele enxergava o mundo de outra forma...ou se consegui fazer um tratamento”*). Por último, algumas participantes utilizaram como estratégia a partilha (3;3) da situação abusiva e dos seus sentimentos (*“Fui desabafando com pessoas amigas”*).

Metade das participantes revelou utilizar estratégias cognitivas (6;20), sendo que a focalização nos filhos (5;14) foi a mais utilizada (*“Porque certas mulheres, eu sei que certas mulheres não aguentavam a pressão e matavam-se, mas eu tinha que ser forte e pensar nas minhas filhas.”*). Além disso, algumas participantes revelaram que em determinados momentos possuíam ideação homicida (2;4) relativas ao agressor (*“Eu sempre tive na minha cabeça...ou ele me matava ou eu o matava..”*). Por último, o evitamento, (2;2) em que as participantes referiram momentos em que tentavam não pensar na experiência violenta (*“tento não me lembrar, nem pensar”*).

Quanto à espiritualidade (6;14), para metade das participantes a crença na religião permitiu-lhes lidar com as situações abusivas (*“acredito que se não tivesse algo que acreditasse que não me sentia tão forte, porque todos os dias eu rezo, peço a Deus mais um dia de força.”*). No que se refere às mudanças de estratégias (2;2), uma minoria de participantes revelou que ao longo da sua relação de intimidade abusiva surgiram momentos em que utilizaram a violência reativa como estratégia limite, tendo relatado que esta estratégia apenas aumentou a violência por parte dos companheiros (*“eu sei que me revoltei e em vez de ser ele a bater, fui eu a bater...até que as agressões físicas e psicológicas foram sendo mais*

*graves, porque ele sentiu como se eu estivesse a fazer força contra ele, e então também vou fazer força.”).*

Todas as participantes relataram ter feito uso de alguns recursos sociais (12;94), formais e informais. Em relação aos recursos formais (11;45), identificaram-se as instituições de apoio à vítima (8;15), as autoridades policiais (6;10) e os serviços de saúde (6;9). No contacto com estes serviços sociais, algumas participantes referenciaram ausência ou ineficácia (5;8) de alguns destes serviços em prestar o devido apoio (*“o que é certo é que eu não consigo nem apoio da segurança social para pagar essas mesmas dívidas”*). Quanto aos recursos informais (11;47), as participantes referenciaram sentirem-se apoiadas pelos familiares (8;23) e amigos (7,14), fornecendo-lhes ajuda na resolução de problemas, enquanto outras participantes relataram ausência ou ineficácia (6;10) deste suporte social (*“É aquela coisa que passava pela gente, levava porrada e pedia ajuda... não tinha ajudas de ninguém, a mãe dele sabia e não fazia nada”*).

(iii) Como se projetam estas mulheres no futuro?

Um dos aspetos centrais que nos interessava perceber era como é que estas mulheres se projetavam no futuro, identificando as suas expectativas e planos para o futuro, bem como os projetos e ações que estavam a ser implementados para a concretização de determinados objetivos.

No que concerne **às expectativas** (11;42), quase todas as participantes perspetivavam melhoria nas suas condições de vida (11;34), integrando aspirações relacionadas com a obtenção de independência e condições básicas (11;16), nomeadamente a obtenção de uma casa própria que propicie um desenvolvimento adequado para os seus filhos (*“uma casa maior para mim e para ele, porque ele está a crescer e nós não podemos estar restringidos a um quarto e era acima de tudo ele crescer de uma maneira saudável.”*). Estes desejos estavam patentes no discurso da maioria das participantes, pois algumas destas mulheres encontravam-se a viver em casa abrigo, em quartos pequenos, em casa de familiares ou com o agressor. Além disso, para a melhoria das condições de vida algumas participantes relataram a necessidade de obter um trabalho (7;14), ou a melhoria das condições de trabalho quando apresentavam uma situação laboral precária (*“imagino essencialmente a ter um emprego estável que neste momento não tenho, ganho à comissão, ou seja não tenho um ordenado certo a receber”*). Surgiram ainda participantes que relataram o desejo de voltar a estudar (2;4). Por último, algumas participantes descreveram aspirações ao nível da recuperação da

família (4;6) nomeadamente os filhos, pois não se encontravam a viver com estes devido às dificuldades económicas.

Em relação aos **projetos e ações** (4;4), constatou-se que uma minoria de participantes estava envolvida em ações para concretizar os seus planos, designadamente ao nível da procura de trabalho (2;2) (“já fui a duas entrevistas... Já fui à net para procurar trabalhar...ando de autocarro, não conheço as pessoas e vou perguntando”) e ao nível da continuação dos estudos (2;2) (“eu tentei entrar na universidade, fiz as provas, só que fui para um curso em que só haviam duas vagas e nós éramos sete, então não entrei, mas vou tentar para o ano”).

- (iv) Há um discurso central e/ou único ou múltiplos discursos sua história de vida? É possível identificar apenas um discurso, o da vitimação? Ou haverá outros discursos alternativos (e.g., de “resistência”)?

Procedendo a uma análise transversal do relato de todas as participantes, identificaram-se discursos imbuídos de significados que remetem para **questões identitárias** (12;96). Assim, foi possível identificar três tipos de discursos: o discurso de perseverança e resistência, o discurso de fragilidade e vulnerabilidade e o discurso altruísta.

O discurso de perseverança e resistência (8;57) foi o mais evidenciado pelas participantes e caracterizou-se por reflexões sobre a superação de adversidades e obstáculos (“E depois eu acho que foi um ponto em que eu estava a fazer um curso e a passar por tanta confusão, e mesmo assim fui avante...mas fui até ao fim e não desisti”). As participantes que se encontram institucionalizadas foram as que revelaram mais este tipo de discurso, comparativamente às mulheres não institucionalizadas.

Por outro lado, algumas participantes revelaram um discurso de fragilidade e vulnerabilidade (7;18), associado às experiências de vitimação que vivenciaram ao longo da vida, descrevendo sentimentos de desânimo e incapacidade (“Passava mais facilmente pelos momentos difíceis. Nesta altura não. Parece que não vejo uma coisa a frente, o objetivo que nos faz deslocar que nos faz viver. Porque todos os dias sou massacrada, todos os dias”). Por fim, algumas participantes apresentaram um discurso altruísta (4;21), onde relataram a necessidade de agir em benefício dos outros, de dar aos outros sem esperar nada em troca, independentemente das adversidades ou desilusões da vida (“acredito que vale a pena ajudar quem precisa, acredito que vale a pena amar os outros, acredito que vale sempre apenas dar a mão mesmo quando nos magoam”).

Assim, apesar do discurso marcado pela vitimação, da análise transversal resultou a identificação de um discurso de perseverança e resistência. Neste discurso é de realçar a noção de crescimento pós vitimação (4;18), no qual foram conceptualizadas transformações positivas decorrentes da vitimação, nomeadamente a aprendizagem e fortalecimento (4;12) (*“aprendi muita coisa durante estes anos que vivi com ele, aprendi a me controlar, a enfrentar as coisas, a ver que tinha capacidades de enfrentar e para dar a volta...e me deu muita força para enfrentar tudo, aprendi a ser uma pessoa forte”*) e o sentido de mestria (3;6) perante outras mulheres em situação similar (*“olho para pessoas e vejo-as a seguir exatamente o mesmo caminho e digo: meu Deus não vão por aí, apesar de eu ter isso e ter permitido, mas, eu já estou a ver as coisas na fase seguinte”*).

Por fim, há ainda que referir que, apesar da predominância das experiências de vitimação, foi possível identificar acontecimentos e **experiências positivas** (12;55) nomeadamente, a maternidade/ ser mãe (10;22) (*“Quando nasceu a minha filha, sem dúvida foi bom, foi um momento muito bom”*), alguns momentos na infância com figuras significativas (9;20) (*“eu com os meus irmãos, brincávamos muito”*) e a fase de namoro e início de casamento (6;12) (*“éramos felizes, ele era outra pessoa, ainda não andava nos bares”*).

## Discussão

### 1. Da vitimação e da adversidade à projecção no futuro

No presente estudo, através da recolha das histórias de vida, procurámos compreender as experiências de mulheres que sofreram vários tipos de vitimação, em condições de vida adversas. De acordo com McAdams (2001), ao relatarem a sua história, as pessoas dão sentido e unidade à sua vida.

Da análise das histórias de vida das participantes é perceptível que todas elas focam o seu discurso nas experiências de vitimação, descrevendo episódios abusivos desde a infância até à idade adulta. Este resultado vai ao encontro do corpo de investigação na área que considera que a vitimação na infância constitui um forte preditor de vitimação na idade adulta (e.g., Finkelhor, Ormrod, Turner & Holt, 2009). Por outro lado, não podemos deixar de considerar que, por se tratar de mulheres com vitimação múltipla ao longo da vida, não é de todo surpreendente que a vitimação seja o tema central da sua história. Em última análise, atendendo ao facto da vitimação ser recorrente na sua vida, seria de certo modo expectável

que esta se constitua como o elemento mais “constante” no seu relato, sobre o qual organizam, de forma mais ou menos coerente, a sua história de vida.

Das várias experiências de vitimação sofridas ao longo dos seus percursos de vida, a vitimação na idade adulta, especificamente na intimidade, constitui o tipo de violência mais relatado. Este resultado pode dever-se ao facto de ser a vitimação mais recente, estando ainda muito presente na memória destas mulheres. Outra explicação pode relacionar-se com o facto da relação de intimidade ser a relação que escolheram (ao contrário do contexto familiar na infância), não sendo expectável que sofressem vitimação também neste contexto, marcando-as ainda mais emocionalmente face à violência sofrida noutros contextos. Conclui-se, ainda, que a violência na intimidade tende a coocorrer com outras formas de violência, designadamente a violência estrutural e institucional (e.g., vitimação laboral, discriminação social e vitimação institucional) – o que corrobora a literatura que indica que é rara a experiência isolada de uma única forma de abuso, surgindo associada a outras formas/tipos de violência (e.g., Finkelhor, Ormrod, Turner, & Hamby, 2005).

Apesar da experiencição cumulativa de várias formas de violência, as participantes não descrevem e não significam o seu carácter cumulativo, limitando-se a relatar as experiências individuais de vitimação que sofreram. Contudo, algumas participantes que apresentam um discurso de fragilidade e vulnerabilidade relacionam as experiências de vitimação da infância com a vitimação na idade adulta, conceptualizando as suas vidas como pautadas pela vitimação. Assumindo uma perspectiva construcionista social que postula que os fenómenos são socioculturalmente construídos (Burr, 1995), é compreensível que isto ocorra. O fenómeno vitimação múltipla contra as mulheres é uma área que, mesmo ao nível internacional, só agora tem tido alvo de maior interesse parte da comunidade científica e, ao nível nacional, os estudos são ainda mais raros. Assim, em Portugal, o fenómeno é ainda pouco reconhecido, quer pela comunidade científica e académica, como por parte dos profissionais que trabalham com vítimas e, conseqüentemente, as vítimas não possuem informação nem “termos” que lhes permita identificar e descrever o fenómeno que vivenciam (vitimação múltipla).

Um outro aspeto a destacar prende-se com o relato das condições estruturais desfavoráveis (tema muito abordado pelas participantes), tendo-se identificado nos seus percursos de vida dificuldades económicas, obstáculos de acesso à educação, instabilidade e precariedade laboral e desemprego, encontrando-se todas em situação de grande vulnerabilidade social e pobreza. Deste modo, conclui-se que as dificuldades económicas, bem como os obstáculos de acesso à educação constituem uma barreira na obtenção de

condições igualitárias, nomeadamente um trabalho estável. Aliás, em certas fases da vida algumas das participantes tiveram mais do que um trabalho, desencadeando-se situações abusivas no contexto laboral (e.g., exploração). Todas estas dificuldades colocam estas mulheres em situação de maior vulnerabilidade à vitimação, quer por mantê-las na relação abusiva, quer pelos maus tratos psicológicos e físicos por dependerem do apoio económico e habitacional por parte de familiares. Além disso, estas condições desfavoráveis implicam dificuldades acrescidas no recurso aos serviços disponíveis na comunidade: muitas relatam a ausência e/ou ineficácia de apoios, bem como algumas chegam a descrever episódios de vitimação por parte dos recursos formais (e.g., instituições de apoio à vítima, polícia). É de referir que a vitimação institucional é descrita apenas por mulheres de raça negra, o que nos leva a concluir que estas mulheres acumulam um conjunto de condições de vulnerabilidade (mulheres vítimas, condições económicas desfavoráveis, raça negra) que, pela sua interseção, as colocam em maior risco de co-experienciar vitimação interpessoal com outras formas de vitimação coletiva. Assim, é perceptível que estas mulheres estão numa posição de marginalização económica e social, aumentando o risco de vitimação múltipla, permitindo-nos chamar a atenção para as questões da interseccionalidade (Crenshaw, 1991) que explicam as elevadas taxas de vitimação múltipla de grupos sociais minoritários (Olsvik, 2010; West, 2004).

Associado aos acontecimentos violentos, as participantes descrevem o impacto da violência nas suas vidas, quer ao nível psicológico, bem como ao nível familiar e social. Neste âmbito, destacam-se os sintomas depressivos, sendo este um dos problemas de saúde mental mais associado à vitimação múltipla (Sabina & Straus, 2008). Adicionalmente, estas mulheres utilizam várias estratégias para lidar com as experiências de vitimação, nomeadamente estratégias de coping comportamentais (e.g., pedir ajuda), cognitivas (e.g., evitamento) e espirituais, bem como a procura de suporte junto da rede de apoio formal (e.g., serviços de apoio à vítima) e informal (e.g., familiares) (Folkman & Moskowitz, 2004).

Por fim, há que realçar que, apesar de todas as mulheres se depararem ao longo da sua história de vida com experiências de vitimação e com dificuldades estruturais, são capazes de criar expectativas em relação ao futuro, revelando sentimentos de esperança e confiança num futuro melhor. No entanto, estas expectativas estão, sobretudo, relacionadas com a obtenção de condições básicas (e.g., trabalho e casa), o que revela a precariedade das condições de vida destas mulheres. Outro aspeto que não podemos deixar de salientar é que, embora a maioria destas mulheres assumem várias expectativas, não revelam planos de ação concretos para concretizar as suas expectativas. Isto pode ser indicador da falta de recursos disponíveis ou,

ainda, do desconhecimento da sua existência ou de como aceder a eles. Adicionalmente, pode estar relacionado com as condições estruturais desfavoráveis, nomeadamente, as baixas habilitações literárias e as dificuldades económicas que dificultam a concretização dos seus planos. Por outro lado, os sentimentos de desânimo, a perceção negativa sobre si próprias e a descrença face à possibilidade de resolução de problemas (Matos, 2002), presente nos seus discursos de vulnerabilidade em que se percecionam como incapazes de concretizar os seus objetivos, também podem explicar a não implementação de ações.

Assim, as condições de grande vulnerabilidade em que estas mulheres se encontram devem ser consideradas e trabalhadas na intervenção com estas mulheres. Deste modo, tal como já mencionado em outros estudos (e.g., Sokoloff & Dupont, 2010), o presente estudo alerta para a necessidade de uma intervenção diferenciada junto destas mulheres sujeitas a múltiplas formas de opressão e marginalização. Há que desenvolver práticas interventivas que atendam à heterogeneidade das mulheres vítimas, considerando as suas necessidades estruturais e culturais específicas, procurando promover a igualdade de condições e oportunidades, principalmente ao nível económico e social. Em suma, concluímos que estas mulheres apresentam condições de vulnerabilidade que, pela sua intersecção (sexo, raça, nível socioeconómico), potenciam experiências de vitimação cumulativa – quer interpessoal, quer estrutural e institucional. Isto chama a atenção para o facto de que, no âmbito da intervenção, não basta atuar ao nível individual, mas também ao nível estrutural, intervindo ao nível das instituições, das estruturas e políticas que prestam apoio e serviços de atendimentos às vítimas (Kriese & Osborne, 2011).

## **2. Da fragilidade ao altruísmo e à resistência**

Foi possível identificar discursos transversais no relato das participantes, imbuídos de significados que remetem para questões identitárias, destacando-se o discurso da fragilidade, o discurso do altruísmo e o discurso da perseverança/resistência.

No que concerne ao discurso da fragilidade, algumas mulheres avaliam negativamente a sua vida, revelam sentimentos de desânimo e apresentam descrença quanto à sua capacidade de resolução dos problemas, colocando limites à possibilidade de mudança, sendo este tipo de discurso bastante comum nas vítimas de violência (Matos, 2002).

Por outro lado, apesar da adversidade e de serem vitimadas em vários contextos e por diferentes agentes, apresentam um discurso altruísta, como estando na vida em prol dos outros e não em benefício próprio. Neste âmbito, embora possa ser notável esta capacidade altruísta, não podemos deixar de considerar que tal se pode dever à própria história de vitimação – em

que as necessidades e o bem-estar das próprias sempre foi delegado para segundo plano, anulando-se nas relações em prol dos outros (pais, companheiros, etc.). Consequentemente, este “altruísmo” pode concorrer para uma maior vulnerabilidade, na medida que, no seu extremo, pode levá-las a tolerar ou legitimar situações de vitimação, principalmente quando o “altruísmo” implica a abnegação de si próprias.

Além disto, apesar da matriz “vitimação” que caracteriza as suas histórias de vida e as fragiliza, o discurso da perseverança/resistência surge como um discurso alternativo e complementar, caracterizando-se pela superação de obstáculos. Este discurso surge essencialmente nas mulheres que saíram da relação e que se encontram em casas abrigo, revelador do seu sentido de mestria (isto é, de servir de ensinamento para outras mulheres) associado às noções de aprendizagem e fortalecimento das experiências de vitimação que sofreram. Este discurso permite contrabalançar o discurso de “vulnerabilidade”, revelando que, apesar do “défice”, persiste a capacidade de agência e de possibilidade de mudança (Samuels-Dennis, Ford-Gilboe, Wilk, Avison & Ray, 2010). Este discurso, em última análise, remete-nos para o que a literatura denomina de “crescimento pós-traumático”, sendo definido como a identificação de mudanças positivas como resultado de um evento traumático (Tedeschi & Calhoun, 2004).

Em síntese, concluímos que a vulnerabilidade e o crescimento/resistência não são incompatíveis mas antes conciliáveis, enfatizando a necessidade de intervenções que não foquem apenas o déficit, mas também os recursos e as competências das vítimas, fomentando mudanças positivas e o seu crescimento. Tal como Bronfenbrenner (1979) refere, a significação das experiências influencia o desenvolvimento humano, pelo que consideramos essencial na intervenção junto desta população trabalhar os significados que facilitem um desenvolvimento positivo, nomeadamente aqueles que estão envolvidos no discurso de “crescimento/resistência” veiculado pelas participantes.

Por fim, esperamos que, com o presente estudo, possamos informar e sensibilizar a opinião pública para o fenómeno e, principalmente, as vítimas e a todos os que trabalham com elas.

## Referências

Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa

- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and desing*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. London: Routledge.
- Clemmons, J.C., Walsh, K., DiLillo, D. & Messman-Moore, T.L. (2007). Unique and combined contributions of multiple child abuse types and abuse severity to adult trauma symptomatology. *Child Maltreatment, 12* (2), 172-181. doi: 10.1177/1077559506298248
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review, 43*(6), 1241-1299. Consultado em <http://multipleidentitieslgbtq.wiki.westga.edu/file/view/Crenshaw1991.pdf>
- Enander, V. (2010). Leaving Jekyll and Hyde: emotion work in the context of intimate partner violence. *Feminism & Psychology, 21*(1), 29-48. doi: 10.1177/0959353510384831
- Finkelhor, D., Ormrod, R.K. & Turner, H.A. (2007). Poly-victimization: an neglected component in child victimization. *Child Abuse & Neglect, 31*, 7-26. doi: 10.1016/j.chiabu.2006.06.008
- Finkelhor, D., Ormrod, R.K. & Turner, H.A. (2009). Lifetime assessment of poly-victimization in a national sample of children and youth. *Child Abuse & Neglect, 33*, 403-411. doi: 10.1016/j.chiabu.2008.09.012
- Finkelhor, D., Ormrod, R., Turner, H., & Hamby, S. (2005). Measuring poly-victimization using the Juvenile Victimization Questionnaire. *Child Abuse & Neglect, 29*, 1297-1312. doi: 10.1016/chiabu.2005.06.005
- Finkelhor, D., Ormod, R., Turner, H. & Holt, M. (2009). Pathways of poly-victimization. *Child Maltreatment, 14*(4), 316-329. doi: 10.1177/1077559509347012
- Flick, U. (2002). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Folkman, S. & Moskowitz, J.T. (2004). Coping: pitfalls and promise. *Annu. Rev. Psychol., 55*, 745-774. doi: 10.1146/annurev.psych.55.090902.141456
- Gordon-Finlayson, A (2010). QM2: Grounded Theory. In M. Forrester (Ed.). *Doing qualitative research in Psychology* (pp. 154-176). London: Sage Publications.
- Hydén, M. (2005). “I must have been an idiot to left it go on”: agency and positioning in battered women’s narratives of leading. *Feminism & Psychology, 15*(2), 169-188. doi: 10.1177/0959-35350501725
- Kennedy, A.C. (2008). An ecological approach to examining cumulative violence exposure among urban, african american adolescents. *Child and Adolescence Social Work, 25*, 25-41. doi: 10.1007/s10560-007-0110-0

- Kriese, P. & Osborne, R. (2011). *Social justice, poverty, and race: normative and empirical points of view*. New York: Rodopi
- Linares, O.L. (2004). Social connection to neighbors, multiple victimization, and current health among women residing in high crime neighborhoods. *Journal of Family Violence, 19* (6), 355-366. doi: 10.1007/s10896-004-0680-y
- Littleton, H., Axsom, D., & Grills-Taquechel, A. (2009). Sexual assault victims' acknowledgment status and revictimization risk. *Psychology of Women Quarterly 33*, 34-42. doi: 10.1111/j.1471-6402.2008.01472.x
- Matos, M. (2002). Violência Conjugal. In C. Machado & R., A., Gonçalves (Coord.). *Violência e vítimas de crimes: adultos* (pp.81-130). Coimbra: Quarteto
- McAdams, D.P (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology, 5*(2), 100-122. doi: 101037//1089-2680.5.2.100
- McAdams, D.P. (2008). The Life Story Interview. Disponível em: [www.sesp.northwestern.edu/docs/LifeStoryInterview.pdf](http://www.sesp.northwestern.edu/docs/LifeStoryInterview.pdf)
- Olsvik, V. M. (2010). Multiple and repeat victimization of women with physical disabilities. Lillehammer: Østlandsforskning.
- Pargament, K., Feuille, M. & Burdzy, D. (2011). The brief RCOPE: current psychometric status of a short measure of religious coping. *Religions, 2*, 57-72. doi: 10.3390/rel2010051
- Prins, B. (2006). Narrative account of origins: a blind spot in the intersectional approach? *European Journal of Women's Studies, 13* (3), 277-290. doi: 10.1177/1350506806065757
- QSR International. (2008). Nvivo8. Pty Ltd.
- Sabina, C. & Straus, M.A. (2008). Polyvictimization by dating partners and mental health among U.S. college students. *Violence and victims, 23*(6), 667-682. doi: 10.1891/0886-6708.23.6.667
- Samuels-Dennis, J. A., Ford-Gilboe, M., Wilk, P., Avison, W. R., & Ray, S. (2010). Cumulative trauma, personal and social resources, and post-traumatic stress symptoms among income-assisted single mothers. *Journal of Family Violence, 25*, 603-617. doi: 10.1007/s10896-010-9323-7
- Schewe, P., Riger, S., Howard, A., Staggs, S. L., & Mason, G. E. (2006). Factors associated with domestic violence and sexual assault victimization. *J Fam Viol 21*, 469-475. doi: 10.1007/s10896-006-9042-2

- Skjelsbaek, I. (2002-03). Victim and survivor: narrated social identities of women who experienced rape during the war in bosnia-herzegovina. Consultado em: <http://fap.sagepub.com/content/16/4/373.full.pdf+html>
- Sokoloff, N., & Dupont, I. (2010). Domestic violence. In N. Sokoloff & C. Pratt (Eds.), *Domestic violence at the margins: Readings on race, class, gender, and culture* (pp. 1-13). London: Rutgers University Press.
- Tedeschi, R. G. & Calhoun, L. G. (2004). Posttraumatic growth: conceptual foundations and empirical evidence. *Psychological Inquiry*, 15(1), 1-18. doi: 10.1207/s15327965pli1501\_01
- Vala, J. (1986). A análise de Conteúdo. In A. S. Silva e J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.
- Wenzel, S., Tucker, J., Elliot, M., Marshall, G. & Williamson, M. (2004). Physical violence against impoverished women: a longitudinal analysis of risk and protective factors. *Women's Health Issues*, 14, 144-154. doi: 10.1016/j.whi.2004.06.001
- West, C. M. (2004). Black women and intimate partner violence: new directions for research. *Journal of Interpersonal Violence*, 19 (12), 1487-1493. doi: 10.1177/0886260504269700
- Widom, C. S., Czaja, S. J., & Dutton, M. A. (2008). Childhood victimization and lifetime revictimization. *Child Abuse & Neglect* 32, 785-796. doi: 10.1016/j.chiabu.2007.12.006

## **ANEXOS**

## GRELHA DOS TEMAS

Temas		Subtemas			
Temas Principais	Vitimação	Infância e adolescência	Maus tratos parentais	Negligência	
				Psicológicos	
				Físicos	
			Exposição à violência interparental		
			Vitimação no contexto escolar		
		Idade Adulta	Vitimação na intimidade	Violência física	
				Violência Psicológica	
				Controlo económico	
				Isolamento social	
				Violência sexual	
				Perseguição	
				Ameaças de morte	
			Coação		
			Vitimação institucional	Descrédibilização e Negligência	
				Controlo e Repressão	
	Estigmatização				
	Vitimação laboral				
	Vitimação Familiar				
	Discriminação Social				
	Maternidade	Realização pessoal			
		Prioridade			
		Dificuldades			
		Gravidez não planeada			
	Condições estruturais desfavoráveis	Dificuldades económicas			
		Desemprego			
		Instabilidade e precariedade laboral			
		Obstáculos ao nível da educação			
Trabalho e	Realização Pessoal				

	formação escolar	Término dos estudos		
Significação da violência	Atribuições causais	Caraterísticas de agressor	Consumos de substâncias	
			Violência na família de origem	
			Psicopatologia	
		Caraterísticas contextuais		
		Autoculpabilização		
	Motivos de permanência na relação abusiva	Filhos		
		Expectativa de mudança do agressor		
		Dependência económica		
		Amor		
		Desconhecimentos dos seus direitos		
Medo de concretização de ameaças				
Impacto	Impacto psicológico	Sintomas depressivos	Ideação suicida	
			Sentimentos de tristeza	
			Perda de autoestima	
			Instabilidade emocional	
		Sentimentos de medo e insegurança		
	Impacto familiar e social	Impacto nos filhos		
		Isolamento social		
Recursos e Coping		Estratégias Comportamentais	Pedidos de ajuda	
			Estratégias de confronto	
			Saída do contexto abusivo	
			Submissão	
			Partilha	
			“Segunda oportunidade”	
			Tentativa de mudança do agressor	
			Implementação de resolução de problemas	
			Comportamentos desviantes	
		Estratégias	Focalização nos filhos	

		Cognitivas	Ideação homicida		
			Evitamento		
		Espiritualidade			
		Mudança de estratégias		Violência reativa	
		Recursos sociais	Formais	Apoio à vítima	
				Autoridades Policiais	
				Serviços de saúde	
				Apoio social	
			Ausência ou ineficácia		
			Informais	Amigos	
Familiares					
Ausência ou Ineficácia					
Projeção no Futuro	Expectativas	Condições de vida		Independência e condições básicas	
				Trabalho	
				Estudar	
		Recuperar a família		Filhos	
				Parceiro/Agressor	
	Relação não abusiva				
	Projetos e ações	Procura de trabalho			
		Continuação dos estudos			
Questões identitárias		Perseverança e resistência	Crescimento pós-vitimação	Aprendizagem e Fortalecimento	
				Sentido de mestria	
		Fragilidade e vulnerabilidade			
		Altruísmo			
Experiências Positivas		Maternidade/Ser mãe			
		Momentos da infância com figuras significativas			
		Fase de namoro ou início de casamento			
		Aceitação social			